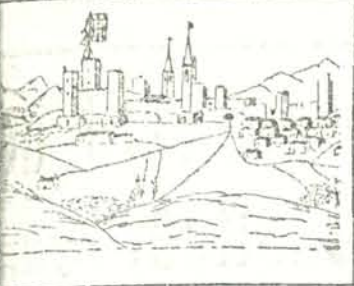


ano—26800,
nias e Estr
erêscimo
restitucim
na ou não
ta a colabo
al c solicta



Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA
Director — ABEL MONTEIRO



avoura de

Redacção / Editor: João da Cruz Rosa / Impressão: Tipografia Castelovidense, Castelo de Vide / Redacção e Administração: Largo do Dr. António José de Almeida-NISA

para con
sociados e
orna públic
mações:
PARA GUA
enta-se, par
ões erradas
os dos emp
nios da Lav
e harmonia
as pelo Mi
da, por int
o Geral dos
is, e que nã
is quaisquer
encimentos
ização supe
ienta que o
curso para
scrito no an
rémio foi
eros deste
bro findo e
res, foi org
Direcção
as de concu
de deste G
ia 21, serã
delegado da
Geral.
Não tem sid
er as últim
superfosfat
amente, da g
portes em
porém, sal
entregues a
000 quilog
tos e que fa
is, 60.000 qui

ente, envid
máximos e
em breves
recomendas
DO CHILE
em, para e
dendo, por
equisitar as
re careçam.
DE SEMENTE
em breve
destes bóm
cada quilo
nifestado pe
colheita de
Encontram
cotas dos a
es ao actual
se aos mes
ra boa organ
este organi
ndar efectua
tais cotas
nte mês.
TOS DO MI
próximo di
a entrega
le produção
milo.

IDE-S
armado en
zadas.
onta da Cruz

a China, as
numa luta

Verdadeiramente Mãe

POR
Silvestre Figueiredo

CORRE, no aforismo, a ingrata madrastece erras, que se diz não gera profetas. Não podemos negar a corroboração stória na vida dalgumas das suas figuras mais proemiss. Noutros muros são forçados a procurar abrigo muitos os próprios o não encontram, assim sacrificados pela inódios pessoais, origem de tódas as decepções e injusti-conceito goza foros entre os mais sentenciosos e exactos. Mais uma razão de realce para a nossa querida Nisa, da qual não me consta que algum dos seus filhos haja do como Cipião: «Ingrata Pátria, não possuirás meus

Na verdade, onde está um nisenense, conta-se um bairrista uo, às vezes até á paixão doentia, sacrificando alguns o turo pelo desejo de não deixarem a nossa terra, á qual, so de ausência, se está sempre pronto a voltar. E' que aquêl repúdio de vingança o não tem merecido que não caiu, em relação a qualquer, na apostasia do al amor e amparo que deve consagrar a cada um dos naturais que o mereçam; mesmo que, às vezes, numa geidade compreensível, fidalgamente e mais sollicitamente distribuindo pelos estranhos. Os de casa devem estar contentes.

Nisa de todos bem merece e nenhum lhe pode recusar o fecto. No seu ambiente pairam os perfumes das dedica-mais puras e firmes. Andam no ar os eflúvios da ternura os pais, cujas dores e trabalhos ofereceram para nossa nde. Impregnando também as irradiações sentimentais nizadas indefectíveis da infância que são dos nossos ma-prazeres. Vogam, acle, a essência reconfortante dos amo-moidade, de tantas ilusões desfeitas, como rescende te o encanto, o encanto dos nossos filhos, enchendo-nos a alacridade e inocência.

As próprias nívens, adensadas pelos sacrificios que so-e vencemos, não deixam de ser motivo de dedicação e neclimento, pelo nosso bêrço como poderoso é o laço que ubmete aos lugares que a Morte entenebreceu de amar-amaliar, onde cada coisa nos fala no coração dos entes tos e nos suavia a angústia de tão dura separação.

São estas, afinal, as raizes indestrutíveis de todo o bair-cimentado em saúde e em Fé, e fruto abençoado das meliores tradições de raça e de cultura.

Todos nós, porém, nisenenses, sentimos a pressão sollicit-outro imperativo, que é a estíma mútua que não se conpor estreito elreulo das nossas amizades mais caras, mas ge, felizmente todos os conterrâneos, áparte leves factos tais e transitórios que não invalidam o pensamento ex-Contínue a nossa terra a ser Verdadeiramente Mãe e se-nós, todos no altruísmo das nossas atitudes, verdadei-te filhos, com vista no valor mais alto dos seus progres-particularmente do seu viver pacífico e acolhedor, que manter-se.

Municípios Municipalizados de Castelo de Vide

Ex.º Sr. Presidente do lho de Administração dos os Municipalizados de o de Vide teve a gentile-ue fica registada nesta canos oferecer um exem-do respectivo «Relatório

balho largamente docu-do, constitui, na verdade, o de justificado orgulho queles que, na constante do do sacrificio, dirigem da vida pública local. lito reconhecidos pelo ofe-ento; e os nossos para-embora «para vontades abadas não haja empre-fficultosas».

Os nossos colaboradores

Tem últimamente aumenta-do a lista honrosa dos nossos prestantes colaboradores, novos e ilustres paladinos da Im-prensa.

O «Correio de Nisa», porque sabe tratar-se de gente do melhor coturno, sabedora e leal, saudá-os efusivamente, exclamando-lhes: Benvindos!

Cine-Teatro Nisense

Dum «constante leitor» recebemos amável postal, em que nos pede «a fineza de tornar pública a necessidade de recomendar ao Sr. Operador do cinema «que dê menos velocidade ao aparelho de projecções».

Aqui fica satisfeito o pedido com a devida urbanidade. Quanto ao resultado, o tempo o dirá.

Gazetilha

Comunicam os jornais que fortes inundações, torrentes em turbilhões, águas fortes colossais, e outras coisas que tais fizeram da Capital um estenso lodaçal. Só então cá na barragem continua a estiagem. E tudo por nosso mal...

SUMATRA DE LEMOS

De regresso

Após algumas semanas passadas em Lisboa, regressou a Nisa o Sr. Dr. Barros Gouveia, com a Ex.ª Família.

Também da Capital, acompanhado de sua Ex.ª Esposa, chegou a esta Vila o Sr. Anibal Machado Felicíssimo, que aqui vem passar a quadra festiva do Natal. Os nossos cumprimentos.

ESTE NÚMERO DO «CORREIO DE NISA» FOI VISADO PELO CENSOR DO DISTRITO.

S. Martinho

Mestre Vicente, carpinteiro de seu ofício, um dia meteu-se a estatuário e, em vez de «arrancar à montanha a pedra tósca, bruta, dura e informe», foi-se ao tronco duma figueira anosa e trouxe para casa a matéria prima em que depois iria corporizar a sua ideia...

Lança mão da enxó e, «depois que desbastou o mais grosso», toma o formão, a grossa e outra utensilhagem e começa a esculpir... o S. Martinho.

Alguns dias depois, a casa do *santeiro* era uma nova Me-ca para os sectários da religião de Baco, e irmãos e irmãs acorriam em peregrinação a ver e admirar o orago da confraria, que os sucessivos e aprimorados retoques do artista iam tornando cada vez mais venerável.

Até que, em 10 de Novembro daquele ano, o S. Martinho, simbólicamente ajazado e re-plimpado sobre condigno andor, foi conduzido, através das ruas do burgo, numa procissão que deixou a perder de vista tódas as realizadas até então.

Naquela noite, que o veranito do festejado tornara deliciosamente amena, à luz de archotes e balões venezianos, uma enorme multidão de devotos, em vozearia ensurdecadora, cabeças estonteadas pelo vinho novo, acompanhou o *Santo*, cantando em berros avinhados:

Era o vinho, meu Deus, era o vinho,

Tribuna Livre

O CIVISMO E A HONESTIDADE

Na passada semana procuramos evidenciar que a Civismo nada é sem a educação. O mesmo acontece com a honestidade. Que um individuo seja mais ou menos honesto na sua vida particular e esqueça a honestidade quando se trata de actos colectivos ou de interesse geral, em que as qualidades cívicas deveriam ser mais estritamente observadas, é o que não está certo e se vê frequentemente.

Chamam-se então ás «qualidades» inversas daquelas: espertesa, finura, habilidade... Puro engano!

Deixem que estas «qualidades» tomem a freio nos dentes e veremos os resultados...

Certo é que enquanto houver homens, há-de existir a «política» das suas relações. Mas esta não deve ir além do que per-

mitem a honestidade e, repetimos, a boa educação.

Quanto á espertalhice frequente e banal do nosso feitio de meridionais, o génio fecundo da lingua lusa criou o termo pitoresco de aldrabice. A nossa sociedade está, com efeito, eivada de aldrabões.

Na época perturbadora que atravessamos, assim como se perdeu, entre muitas outras coisas, o senso do valor do dinheiro, por exemplo, perdeu-se, mais talvez do que em nenhuma outra, o sentimento do valor da palavra.

Ora a honestidade deixa de ser a honestidade quando não é completa, isto é considerada sob todos os aspectos que pode ineprimir-lhe o individuo.

Fazer passar á força de dialéctica, ou doutra forma aquilo que realmente não é, não tem valor; mais cedo ou mais tarde se reconhecerá o vácuo, sendo a indelicadeza de tais sucessos ou tentativas.

Tudo se pode provar e de tudo os homens têm provas: primeiro a verdade e depois a falsidade de teorias e mesmo de doutrinas contrarias (queimam-se facilmente os deuses que se adoraram); a questão é de usar de palavras mal definidas — e elas são assim quasi sempre — que não ecõem da mesma forma em todos os espiritos.

«Toute preuve est pour moi clairement deshonorée!», diz o filósofo Alain.

A verdade, porém, amiga íntima da honestidade plana espiritualmente, sem necessidade de demonstrações sibyllinas, acima da miséria da vida humana.

Bróta em labarédas da pureza de alguns corações mal compreendidos.

—Qu'est ce que tous ceux-là?—
Vous êtes mille?
Ah! Je vous reconnais, tons mes vieux ennemis!
Le mensonge.....les compromis, Les prejugsés, les lachetis!...
Que je pactise?
Jamais! Jamais! — Ah! te voilà, toi, la sôttise!
Je sais bien qu'à la fin vous me mettez à bas;
N'importe: Je me bat! Je me bats! Je me bats!
Que dites vous? C'est inutile? Je le sais!
Mais on ne se bat pas avec l'espoir du succes.
Non! Non! C'est bien plus beau lorsque c'est inutile!
(«Cyrano de Bergerac»
Edmond Rostand)

ANTOLOGIA

A Minha Rua

por GUIOMAR ÁVILA

A minha rua é úmida e sombria
Como a cela gelada de um convento.
Em cada pedra chora uma agonia,
pressente-se a tristeza de um lamento.

A luz do sol é dolorosa e fria,
é mais profundo o soluçar do vento...
E não vibra uma nota de alegria
nêste silêncio amargo e sonolento!

Já odiei a sombra desta rua;
só quando punha minha mão na tua,
achava nela um todo de jardim...

Mas desde aquêles dias em que partiste
Eu gosto dela porque é só e é triste
e porque a sinto semelhante a mim!

S. Martinho

(conclusão)

Virando-lhe um arce estimulador,
outras fazendo-os suspender
a marcha com um chô arreliante.

Quando iam chegando ao poço do Rossio, no local onde hoje se ergue o novo edifício do Correio, poço com uns sete ou oito metros de profundidade um dos da padiola, talvez abespinhado por algum remoque mais incisivo, diz para os outros:

—Ó rapazes, pregamos com ele dentro do poço!

E ele então, com um sorriso de quem escapou de boa:

—Ó Sr. F., eu não sei como aquilo foi: passou-me a bebedeira de repente. Se não salto da padiola tão depressa, os malditos atravavam-me para o fundo! Não ganhei para o susto!

Mas... voltemos ao Mestre Vicente.

O pobre homem, desde que fez o Santo, não mais teve uma hora de ventura.

Naturalmente supersticioso como todo o portuguesito, disse-lhe para consigo:

—O S. Martinho, depois de muitos tombos e maus tratos em várias patuscadas, não deve estar satisfeito. Vou restau-

Quem Canta...

Podes olhar para mim.
Olha bem, não tenhas medo;
os olhos não dizem mais
do que eu te disse em segredo...

É uma cruz. Morreu gente,
tira o chapéu. Quem seria?
Os mortos salvam-se sempre.
Padre Nosso! Avé Maria!

(Vicente Arnoso)

râ-lo, aperfeiçoá-lo, e certamente a sorte mudará.

E assim fez. Mas a macaca continuava, o cabeça de pau dava-lhe engulço e o homenzinho resolveu livrar-se dele dum vez para sempre. E ofereceu-o aos irmãos da Póvoa e Meadas, os quais uns dias antes da festa do Patrono, vieram buscá-lo entre ruidozas e significativas demonstrações de regozijo.

Pois vejam os leitores o que é o azar! — à hora em que na Póvoa o Santo contribuía para atenuar a crise vinícola, fazendo vibrar a população na alegria e no bulício duma festa popular, Mestre Vicente caía dum andaime e dava entrada no hospital de Nisa, cruelado de dores e mais uma vez amachucado pela sua negra sina.

Era caso para dar ao diabo o bonco de figueira, se não o tivesse já dado aos da Póvoa!

J. FIGUEIREDO

A estrada de Vale de Pêso

Apesar das dificuldades presentes quanto à aquisição de certas matérias primas, achamos inteiramente oportuno lembrar às respectivas entidades oficiais que a estrada que liga a vila de Alpalhao com a Estação ferroviária de Vale do Pêso se encontra em verdadeiro estado de lástima, circunstância para ter em conta, pois é via de muito trânsito; e, a continuar assim, em breve se registarão danos de maior monta.

Grémio da Lavoura de Nisa

NITRATO DO CHILE— Existem em armazém, para entrega imediata, podendo, por isso, os associados requisitar as quantidades de que carecem.

BONUS DE SEMEITEIRA— Será iniciado, em breves dias, o pagamento destes bônus, isto é, de \$72 por cada quilograma de trigo manifestado para sementeira da colheita de 1944.

COTAS— Encontram-se em cobrança as cotas dos associados, para boa organização da escrita deste organismo, o favor de mandar efectuar o pagamento de tais cotas até ao fim do corrente mês.

MANIFESTOS DE MILHO— Termina no próximo dia 30 o prazo para a entrega destes manifestos de produção na sede deste Grémio.

CONSELHO GERAL— Reune nesta data, 25 de Novembro, pelas 13 horas, em sessão ordinária, o Conselho Geral deste Grémio para eleição da mesa respectiva e para apreciação e votação do 1.º orçamento suplementar do corrente ano de 1945 e do orçamento ordinário do próximo ano.

Junta Nacional do Vinho

Avisamos os retalhistas de vinhos de que não é necessário, por determinação superior, fazer este ano os requerimentos para pagamento da avença da taxa de \$95 para a Junta Nacional do Vinho, o que representa uma economia. Só dos que abrirem novos estabelecimentos é exigido o requerimento e demais documentos.

Seguiram já, pelo correio, postais-avisos indicando a cada retalhista a importância em que cada um foi coletado para 1946.

Tenente Maia da Silva

Em gozo de férias estive em Nisa o Sr. Tenente António da Luz Maia da Faria, natural desta Vila e distinto oficial do Regimento de Infantaria n.º 15.

O Romeiro da Verdade e da Justiça,

o ilustre nisense Reverendo PADRE BAZAR, recebe do JUIZ, DR. TAVARES GONCELOS, a carta que, na íntegra, crevemos do «Comércio do Pôrto» e mais uma razão da esplendorosa Vida do pondoso sacerdote.

Pôrto, 15 de Agosto de 1945— Ex.º e Rev.º Senhor—Dirige-se a V. Ex.º o magistrado que presidiu ao primeiro julgamento, do qual resultou o acórdão que condenou o protegido de V. Ex.º, Abílio da Silva, como autor do crime de homicídio voluntário na pessoa do molci-

Férula Mágica

Venha cá, Senhor Leónidas,
Venha cá p'ra a minha frente.
Quero lhe dar um conselho:
—Não seja assim tão mordente.

Essa sua gazetilha
É muito inconveniente.
Num complicado sarilho
Você mete boa gente.

Para que veio implicar
Com o novo Presidente
Da nossa Câmara? Acaso,
Stará você descontente.

Com a boa da chuvinha
Que ele trouxe de repente
E era muito reclamada
Pelo povo impaciente?

E para que veio meter-se
Com o antigo Presidente?
Que culpa tinha él' da seca
Que afligia tanta gente?

Pois olhe, tenha cautela,
Veja lá, não exprimente
Qualquer dia a mordidela
Dalgum cão de forte dente!

Mêta a viola no sacco,
É preciso ser prudente,
Não venha qualquer diabo
Que, zangado, o arrebente!

E creia no camarada
Que o avisa mas... que sente
Que você nas gazetilhas
É, por vezes, inclemente.

HOMEM DE FORA

ro do Urzal. Pediu o Abílio a ser absolvido, tendo sido condenado, em segundo julgamento, com agravação de pena. Anulado o processo de o julgamento pela R. de que faço parte, foi, em terceiro julgamento, Abílio absolvido, por entender os magistrados que a produzida não foi suficiente para demonstrar a culpabilidade do réu. Se é certo que a decisão não me convenceu, inocência do Abílio, é certo o livro que V. Ex.º deu a cidade e os factos novos surgiram transformaram a minha convicção firme em dúvida de culpabilidade do numa interrogação de séria, que, certamente, acompanhará até a morte.

No primeiro julgamento enton-me a «prova feita» e a «consciência» continua a não me acuar mais leve falta. Erraria o meu voto? Admito a possibilidade, visto que um erro ciário pode sempre dar-se mo com a confissão do que é certo e que, como tenho que considerar perante a prova em contrário, a ma decisão, pois, acim prestigio do magistrado, da Justiça, sempre imper porque é humana. Sendo julgo-me na obrigação de concorrer para o bem do Abílio, que sempre prerei, desde o dia em que cência dele se torne ev. Por agora, visto que, mente, os anos que estev do já os não pode rehav sejo, por intermédio de V dar-lhe a quantia de de escudos, economia de que so dispor e não mais, as circunstâncias da mi

Conclue na pág.

O FEITICEIRO

Conto inédito

por JOÃO TAVARES MACHADO GRÁCIO

Era um velhote que já ia pelos seus sessenta e tal anos, de média estatura, a cara seca e sulcada de rugas como maçã de inverno, os olhos — encovados nas órbitas que fundos traços azuis haviam tornado sinistros — dum vivo inconstante, umas vezes, outras serenos e fixos, calmos e presuntadores. Lá na Aldeia só lhe chamavam o ti Zé do «Óitero», talvez porque vivia numa pobre

choça de cólmo abrigada pela encosta, do outro lado do rio que passa entre a povoação e o pinhal, correndo por meio de renques de verdura e árvores de fruto. Dizia-se que era feiticeiro e andava pelas feiras e romarias manejando aquela arte na qual ninguém lhe levava a palma; da sua vida soubera que ele tinha vindo para ali havia um bom rôr de anos vivendo muito isolado; não ia à igre-

ja e encontravam-no frequentes vezes de verão pelo campo a falar sózinho (ou com os espiritos se cria) a altas horas da noite geralmente ao terceiro cantar do galo. Ainda ouvi que por ocasião duma grande seca quando o rio era só um fiozinho de água, ele tinha avisado um rapazito desta forma ambigua: «olha meu filho no dia em que vires murcharem-se as flores e definharem os frutos, pede a Deus que isso não vá por diante».

Todos estes factos eram como que agulhas a espleaçarem-me a curiosidade de conhecer tal homem, e assim é que certo dia, quinze de Maio, se bem me lembro, resolvi ir visitá-lo:

—Estava uma tarde explên-

dida; o rio corria lá em baixo sobre um tapete de verde-escuro que ondulava ao sabor da viração; o sol descia magestoso escondendo-se pouco a pouco por detrás do outeiro a espreitar em línguas de fogo por entre as árvores que projectavam as suas gigantescas sombras pelo vale fóra. A Aldeia e todas aquelas casitas brancas dessemelhadas pelos contrafortes da colina que a vista atingia até ao limite dos meândros semelhavam flocos de neve brilhando em múltiplas cintilações, no seu colorido magnífico que o crepúsculo lhes emprestava por momentos. A volta, por entre colinas e planícies, o amarelo ondeante das searas embutido num fundo es-

meraldino de hortas e parecia gradualmente desfuso até o manto da obscuridade tornar homogênea a cromia dos campos...

Havia meia hora que de casa; já tinha passado a te e, seguindo um atalho zig-zagueia pela encosta achava-me então à boca-nhal, sobre um mar de agsecas que estavam debaixo das minhas enormes botas de la encebada, oferecendo pzes certa dificuldade ao mento.

(Continua)

Anúncios—1800 cada linha, segundo o hómometro de corpo 8. Anúncios permanentes e especiais — contratos especiais. Número avulso—750. Números atrasados: 1800. A correspondência é dirigida ao Director.

Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Assinatura, um ano—26300 continente; Colónias e Estrangeiro, com o acréscimo de portes. Não se restituem jornais quer sejam ou não publicados. — Toda a colaboração para o jornal é solícita.

Em convalescença

Muito nos apraz noticiar ter já regressado a Nisa o Ex.^{mo} Sr. António Goulão que no passado mês de Agosto partiu para a Capital gravemente doente, e fim-de ser sujeito a uma melindrosa intervenção cirúrgica. Desejamos-lhe um total restabelecimento.

O Romeiro da Verdade (conclusão)

da. Se, um dia, se vier a provar, nitidamente, que os dois primeiros colectivos que o julgaram tinham razão, ficará tal quantia como uma esmola pelo seu comportamento exemplar, enquanto detido.

V. Ex.^a dirá a quem devo entregar a quantia referida, caso V. Ex.^a não possa recebê-la, pessoalmente, até ao dia 28, em que retiro para férias, e visto que ao Abílio a não posso entregar, directamente, atenta a dúvida que o meu espírito não consegue arredar.

Com os protestos da minha maior consideração, creia-me, etc., Mário Júlio Machado Tavares de Vasconcelos.

Dr. António Granja

Regressou a Nisa, após as respectivas férias, o Ex.^{mo} Sr. Doutor António Granja, digno Delegado de Saúde no Concelho.

“ESPERANÇA E FÉ”

Tema da alocução feita ao núcleo da M. P. do Colégio Condesável.

Um imperativo da Lei ordena que vos fale, nesta manhã chuvosa e dolente da alegria da vossa mocidade, na ironia dum contraste, para quem já começou a envelhecer.

Mas por todo esse Portugal além, desde o Minho pitoresco e obreiro, até ao Algarve ajardinado e mourisco, num abraço estreito de fraternidade nacional, a mesma mocidade ardente palpita e freme, na ansia duma Pátria livre, num adejar de asas, a demandarem o céu azul, numa sede de infinito, na inconformidade adorável dos corações juvenis.

Por toda esta Lusitânia antiga que a natureza engrinalda de rosas e prodigamente envolve no latejar das seivas, se marca pela palavra,—e mais do que pela palavra—pelo coração, os eflúvios da mocidade, a quem a Pátria será confiada no futuro e que é na verdade, toda a nossa esperança.

Uma ronda de pensamento, festiva e solene, tocante pelo sentido e preclara pelo facto que revela, ela tem no actual momento, um duplo significado: o significado do futuro que é aura de luz na fé patriótica,

confiança completa nos destinos da Pátria; e o significado do presente que é trabalho, que é honra, que é disciplina de religioso acatamento.

E, assim, a Mocidade será penhor dum Portugal livre, dum Portugal que jamais morrerá, mas antes há-de remoçar em latejos ardentes, para mais uma vez dar exemplos ao Orbe, cá desta praia ocidental da Europa, onde, como disse o Poeta «a terra acaba e o mar começa»; no labor constante de arrancar dos peitos as condições honradas da vida, para a formação do espírito português, do tradicional espírito português que tantas vezes tem apresentado modelos ao Mundo.

Nesta idade estonteante e febril, em que o Orbe ainda se abraza nos incêndios do ódio, no aviltamento do carácter, no conspirar das almas, na lama do vício e na carnificina das batalhas; nesta hora indecisa e incerta, em que em tantos corações transborda a fúria tigrifina, e em que há mães prostradas pelo chorar; nesta hora amarga, dilacerante que a Humanidade transpõe numa cavalgada louca, deixando atrás

de si a destruição e a morte, o sangue e a dor; nesta hora pálida de sofrimento, é ainda e sempre a Mocidade que nos alienta e nos dá vida e em quem depositamos todas as nossas esperanças, que há-de perpetuar o nome grandioso da Pátria.

E um anseio desta ordem e conteúdo é mais do que uma simples emoção; é uma determinante psicológica que define uma estrutura íntima, quanto ao sentido que evoca e determina, na estimativa do seu valor afectivo e patriótico e, que se sente na alma mas não se traduz pelo verbo.

Portugal há-de ressurgir para novos destinos; e grande e livre no convívio dos povos, será, então um «Portugal maior», «pátria de messes e pomares», esta dita Pátria nossa amada!

E a Mocidade Portuguesa, braço deste povo amorável e bondoso, será, como as afeições profundas do coração, «alguma coisa de puro e desinteressado; que anuncia a excelência e a dignidade da alma humana».

E à luz dum sol radioso e magnífico, sob que nasceram nossos avós e nossos pais, quando mais tarde, no sol-posto da existência, ouvirmos, por ventura, o primeiro balbuciar de lábios virginais, curvando-nos a custo sobre o berço dos nossos netos, é ainda e sempre a Mocidade portuguesa que constituirá o sonho ardente de cada hora, porque ela é o símbolo e o orgulho das nossas melhores esperanças.

Rapazes da Mocidade Portuguesa:

A Pátria não é apenas aquilo que definem as selectas escolas e os tratados de estudos sociais e de Direito.

A Pátria somos nós próprios, quando a sentimos—e principalmente — quando temos a hombridade de a afirmarmos!

A Mocidade Portuguesa, a mocidade ardente, será hoje e de futuro a melhor garantia, o seu melhor sustentáculo.

Franco, garboso, mantenedores dum passado que envaidece, têm uma tarefa a cumprir; e essa cumpri-la-ão a todo o transe, por todos os meios, sem recuar!

Executores duma acção e dum dever, que se realizam à luz do dia, a Mocidade tem um só peito que respira fundo e um só coração que palpita pela unidade nacional. E, por isso, ela defenderá ciosamente tudo que recebemos dos nossos antepassados e que, religiosamente transmitiremos aos nossos vindouros.

Por isso mesmo, nesta aura magnífica, neste nostálgico Outono das agonias dos poentes, evoquemos o prestígio da Na-

Ridendo

Cá nesta vila de Nisa Há cousas muito engraçadas Uns querem creche e outros preferem touradas

Há também quem queira Associação nos bombeiros Pretendem, outros, egger Parancabar co' os maus

Há inda quem queira a Do senhor rei D. Deniz Cá no Pátio das Cantigas Onde, enfim, tudo se diz

Outros preferem, na Praia Restaurado o pelourinho E até há quem queira fôrça Pra divertir o povinho,

Mas, afinal, a verdade É que tudo fica em nada Em vez de ser «progresso» Nisa anda um pvuco atrás

Como não há de assim? Se há tanta desunião? Façam as pazes, Senhor! Num forte aperto de mãos

A união, faz a fôrça, Diz um aforismo velho. Deem-se as mãos, bons amigos E' o que eu vos aconselho

Se assim fizerem, verão Como Nisa vai p'ra frente Sejam todos bons amigos Hája pazes, minha gente

LEÓN

ção, as seivas novas que tam da terra, para uma ressurgida para novos dias numa Primavera nova e tual.

E a Mocidade vibra apaixonada, ninho de ilusão de rosa, que canta quando será um eterno poema latente na nova Primavera da Vida.

Então, um sol novo, pando nuvens, alongando pestades, esclarecendo, fulgurando nas cumeadas minará com mais calor o céu azul desta nossa Pátria portuguesa!

Um sol radioso iluminará vossos peitos; e os vossos rizados serão imagens do sorriso da Pátria, elemento de tradição nacional, sorriso das nossas aldeias, mescladas entornadas no chão da pátria, e até o sorriso ironia— das nossas ermas solitárias, branquejando pinhais, em ermos ditos onde a Virgem sempre nós!...

Mocidade ardente, pelo futuro é longa estrada Qual de vós não se orgulha de ser português!

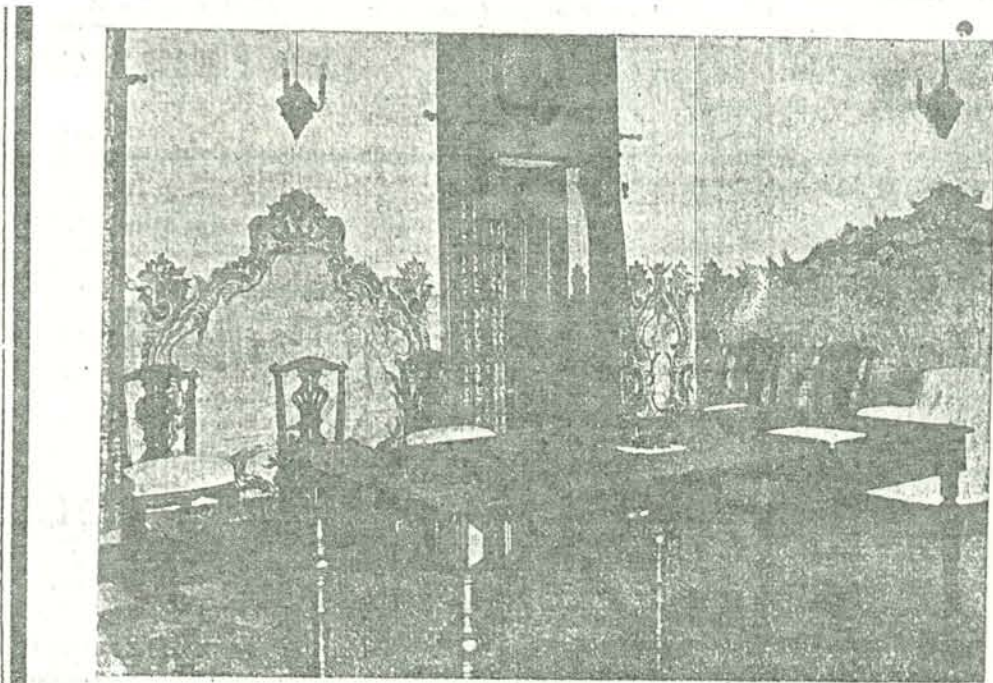
Têm nos emblemas os olhos de Ourique; berço de natalidade; e por isso, a mocidade mostram exemplos, a mocidade revelam doutrinas, a mocidade impõem deveres, porque se confia a Pátria!

ABEL MONT

O LICEU DE PORTALEGRE

precisa ser elevado a «nacional»

— declara à Imprensa o Reitor, DR. HONÓRIO DE FREITAS



«SALA DO CONSELHO»

O «Correio de Nisa» secunda inteiramente o desejo do Reitor do Liceu de Mousinho da Silveira e solicita do Senhor Ministro da Educação Nacional que torne realidade tão instante benefício, não só para os estudantes oficiais, como para os do Ensino Particular, que sempre tem dignificado, com o seu incançável e tantas vezes mal apreciado labor, o nível cultural da Nação.